



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da União Operária Nacional
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração — Calçada do Cambro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL

End. telegr. Talha — Lisboa • Telefone:

Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A Câmara, o Povo e o Rossio

Já que não há maneira de fechar a gente os olhos à bagatela, tanta e a gritaria que ela provocou, discutamo-la também um pouquinho. Aludimos à resolução, tomada pela Câmara, de rasgar transversalmente o Rossio, bipartindo-o com um arruamento central que ligará a calçada do Carmo à rua do Amparo. O caso, já se deixa ver, só mediocrementemente nos interessa, posto que não sobeja, a quem trabalha, tempo para gastar em longas permanências ociosas na Praça de D. Pedro, esta não representando para nós mais que um sítio de passagem e de trânsito. Estética, decididamente, não fomos procurados a não ser no largo do Rossio, conjunto de arrebiques miúdos, comestíveis, o monumento central, miúdos os lagos laterais, miúdas as figuras que o ornaram, incongruentes com as suas cornucópias nas unhas, umas cornucópias inverosímeis, como a lenda não concebeu nunca, e que ainda outrora esguichavam água, como mangueiras de jardim, mas cujo efeito ornamental ainda mais apoucado se encontra no presente pela permanente secura a que a escassez da água ou a penúria camarária se reduziu. Miúda ainda a insignificância do mosaico, a cujo pueril motivo parecemos andar apegados intimamente às tendências artísticas de muitos, que não viram nunca ou não podem ver já mais, por deficiência de visão estética, coisa melhor. Por modos que o fraccionamento do Rossio não representa para nós uma questão de arte. E nem por esse lado procuramos encerrar o assunto. Mas pode já muito bem tratar-se de uma questão prática de vantagem ou desvantagem para o público. Nesse caso, não nos custa dar um pouco de razão a aqueles que acusam a verificação de grosso disparate. A modos que quizeram os vereadores «descongestionar o Rossio», como eles próprios pomposamente dizem. Vai daí, para atingir esse objectivo, abrem uma rua de 50 contos exactamente numa orientação em que essa rua mais dispensável era, pois que lá os passantes provindos da calçada do Carmo com destino à rua do Amparo atravessavam o Rossio, sem necessitar de arruamento especial e até com a vantagem de o fazerem em perfeita tranquilidade, livres da preocupação de esquivar o corpo aos carros, carroças e carrinhos que daqui a pouco, pelo meio do Rossio, entrariam a circular. Não lo-gramos, portanto, perceber a forma como o tal «descongestionamento» se verificará, mediante a mirífica e luminosa ideia dos vereadores.

Depois, a conduta destes tem sido o que há de mais estranho. Primeiro, é-lhe absurdo de se meterem uns poucos, sem consultar ninguém, a resolver sobre coisas que interessam a muitos. Depois, a preocupação, extremamente suspeita, de atarancar a tarefa quanto mais depressa melhor, custe o que custar, sob a guarda da força, parece que recen-

P. S. — Chega-nos tardamente a notícia de ter pedido a demissão a comissão executiva da Câmara, empresa da remodelação do Rossio. O que acima está dito, dito está; assente que o gesto do edil confirma a razão do que se disse. Um gesto de bom senso. Antes assim. Mais vale tarde que nunca...

II Congresso Operário Nacional

Até hoje, a despeito das repetidas notas publicadas, muitas associações há que ainda não enviaram a comissão a segunda cota de um escudo para ocorrer às inevitáveis despesas do congresso.

É conveniente que todos cumpram o seu dever, para a comissão poder cumprir o seu, tanto mais que o facto de o congresso haver sido adiado acarretou aumento de despesa.

Esta comissão foi informada de que há associações que se fazem representar no Congresso por delegados indirectos quando o poderiam fazer por delegados directos.

É conveniente que essas associações ponderem que este Congresso vai tomar decisões das mais importantes que até hoje se tem tomado, e que envolvendo responsabilidades morais e materiais de certa gravidade, as associações não poderão integrar-se perfeitamente no espírito dessas resoluções se por elas não se interessarem directamente.

A manhã alegarão que tudo ignoram, não diremos para se esquivarem ao cumprimento dos compromissos tomados, mas porque o delegado, que em seu nome, tomou compromisso, não estará no seu seio para constantemente recordar esses compromissos e orientar a associação sobre o espírito das resoluções do Congresso.

Há, ainda, outras associações que não regularizaram a sua situação como aderentes ao Congresso, enviando nota numérica dos seus membros.

Uma proclamação do governo dos Soviéticos russos

Segundo telegrama de Helsingfors, o Conselho dos Comissários do Povo editou as seguintes decisões, a aplicar nas regiões abandonadas pelo almirante Kolchak:

1.º Kolchak, ex-almirante do tsar, que se intitula «chefe supremo» e tem sob as suas ordens um «conselho de ministros», é proclamado inimigo do povo e posto fora da lei;

2.º São nulas quaisquer proclamações ou leis, quaisquer decretos ou priklazes emanados de Kolchak ou seus mandatários;

3.º São nulos todos os actos de compra ou venda, contratos ou tratados, quaisquer concessões concluídas por Kolchak, seus ministros ou mandatários;

4.º São igualmente nulos e sem efeito quaisquer pactos, acordos, concessões ou contratos estipulados entre Kolchak e um governo das potências estrangeiras, que desejam enriquecer à custa das povos russo;

5.º Não serão lesados de modo algum os direitos das diferentes populações; a terra e as propriedades passarão para a comunidade;

6.º O dinheiro emitido pelo governo soviético retoma o seu valor, como na Rússia europeia;

7.º Os diversos povos da Sibéria podem dispor de si e ocupar-se dos seus assuntos interiores e exteriores, como fizeram os ucranianos, os letões, os lituanos, os russos-brancos, os tártaros, os basquios, os calmuco e outros povos da Rússia.

8.º Lourenço Marques para a Inglaterra?

Segundo informações vindas do Moçambique, está causando ali sérias preocupações o facto de alguns jornais sul-africanos apregoarem a ideia de se conseguir que Lourenço Marques venha a ser um dos portos principais da União Sul-Africana.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Scenas do natural

Como se fez em França, não sem o protesto dum génio jornal insuspeito de bolchevismo, também na Itália uma empresa cinematográfica mandou fazer fitas representando os «horrores bolchevistas». E como os simplórios são aos cardumes, aquilo não deixará de influir nas imaginações débeis com aquele seu aspecto de cenas ao vivo, tiradas do natural—embora sejam representadas, nas instalações da empresa, pelo actor Baur e outros.

O caso é parecido com os documentos «autênticos» reproduzidos por clichés e estampados nas gazetas. Pega-se num documento qualquer, falso ou verdadeiro, pouco importa, escrito e assinado com uma caligrafia desconhecida, de verificação impossível, reproduz-se aquilo em fotografia—e eis o documento todo autêntico, com um arzinho de incontestável para todos os parvos.

Assim se fez, por exemplo, com os documentos forjados para provar que Léine, Trótski e outros bolchevistas eram agentes a soldo da Alemanha Kaiserista. Contaremos o edificante caso, com mais vagar, já dizer-se que houve gente, aliás sectária, que caiu na esparrela e comeu aquilo como certo!

Todas as revoluções tem sido atrocemente caluniadas com incrível desplante pelas oligarquias em perigo. Até a revolução portuguesa de 5 de Outubro, essa pobre coisa! Os jesuítas inventaram lá fora coisas fabulosas. Ainda agora se refere ao caso, num livro recente (*La calostro degli Cears*) o escritor italiano Paulo Valera.

Mas então contra a revolução russa o impudor e a falta de escrúpulos atingiram o cúmulo!

Pudicícia clerical

Esta não lembraria ao diabo! Bérzans, cidade lombarda, tem a celestial ventura de ser administrada por clérigos, gente pia e pudibunda, a cujos ouvidos castos não iam certos plebeus algo sugestivos, que poderiam induzir ao pecado.

Tendo mandado construir umas sentinela pública, a pia edilidade hesitou longamente ante a selecção dos termos a inscrever na tabuleta anunciadora dos preços das diferentes operações, admitidas naquelas capelinhas da Nossa Senhora do Alívio...

E depois de muito escogitar, saiu o seguinte:

W. C. 10 centésimos
Líquidos. 5

Devem ter feito um negociarrão, porque o letreiro produz infalíveis efeitos diuréticos nos transcuentes, que, com o riso, sentem escapar-se-lhes os líquidos.

LIBERDADES E ABUSOS...

As querelas DE A "Batalha"

As primeiras cinco querelas da série infinita que está sofrendo a *Batalha* estavam, já há dias, na altura da contestação. Terminou ontem mesmo o prazo para contestar, e a *Batalha*, que constituiu seu advogado o dr. Alexandre Sobral de Campos, naturalmente indicado visto ser o advogado do Conselho Jurídico da U. O. N., apresentou, em tempo, a contestação nos cinco primeiros processos movidos contra ela por abuso de liberdade de imprensa. Os artigos e as notícias incriminados são todos da declarada autoria do redactor principal de *A Batalha* e dizem todos respeito a assuntos militares, ou de militares, a este jornal comunicados.

A acusação é de haver-se incorrido no crime de abuso de liberdade de imprensa, segundo o artigo 10.º do decreto-lei de 28 de Outubro de 1910 (lei de imprensa) com referência aos artigos 181.º e 182.º do código penal português; e, em alguns processos, além destes artigos, faz-se referência também ao artigo 407.º do mesmo código. Assim, traduzindo em poucas palavras a acusação contida nesses artigos, podemos dizer que a *Batalha* se atribuiu, com essas publicações, palavras injuriosas e ofensivas da consideração devida à autoridade do comandante da força pública e de agentes da mesma força no exercício das suas funções. E, nos processos em que igualmente se faz referência ao artigo 407.º, acrescenta-se que essas palavras importam também difamação—o que torna mais grave a acusação.

A *Batalha* contestou, como dissemos, alegando não ter tido intenção criminosa e não ter praticado o crime de abuso de liberdade de imprensa e deu as seguintes testemunhas:

Aurélio Quintanilha, assistente da Faculdade de Ciências de Lisboa; Manuel Joaquim de Sousa, operário manufatureiro de calçado; Miguel Correia, ferroviário do Sul e Sueste; Perfeito de Carvalho, tipógrafo e José Maria Gonçalves, tipógrafo.

Aguardemos, pois, os julgamentos, que tudo leva a crer devem ser interessantes e, enquanto eles não se realizam, vamos continuando a nossa vida de sempre, lutando contra todas as tiranias e iniquidades, noticiando e criticando firmados na Verdade. Por ser lido, queremos crer, a autoridade continuará na má senda de violências contra a liberdade de imprensa que há tempo vem trilhando, e o poder judicial prosseguirá processando, acusando, querelando...

As querelas de *A Batalha*... Pois vamos lá a elas... O Tribunal é ainda uma tribuna. A Verdade, que de nada se arranca, não a regerá e lá irá a sua linguagem clara.

ATRAVÉS A ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA UM SINDICATO MODELAR

A Associação dos Operários Arsenalistas deveria ser tomada como modelo por muitos sindicatos—Uma sede confortável é indispensável ao sindicato que queira atrair os operários da respectiva classe * * * e educar-lhes o espírito * * *

Lá em cima, ao campo de Santa Clara, há um edifício modesto, de aparência tranquila. É ali a Associação dos Fabricantes de Armas e Offícios Acessórios, onde *A Batalha* tem velhos amigos e camaradas, que já vem dos tempos distantes de *A Greie*, o primeiro diário sindicalista que existiu em Portugal, e do *Sindicalista*, camaradas que nunca registaram o seu auxílio ao movimento operário. Ontem, fomos por ali acima a fim de os visitar, de colher algumas informações sobre o desenvolvimento desse robusto sindicato, para virem publicadas na *Batalha*, que entre os operários fabricantes de armas tantos amigos conta e de quem tem recebido valioso auxílio. De visita àquela Associação, colhemos uma impressão esplendida. O gabinete da direcção, a sala de visitas, a biblioteca, a sala de sessões, a sala onde à noite se juntam em amena cavaqueira muitos dos sócios, encontram-se mobiliados não luxuosamente, mas com arte, conforto, bom gosto, tudo isto acompanhado de um inextinguível acido, que bastante trabalho custa aos dois continuos, que agora estão gozando um mês de férias. Um operário que deseje a remodelação social, o proporcionamento de mais bem-estar à Humanidade, sente-se ali bem, compreende depressa que está ali uma pequena parcela dessa Sociedade Futura porque lutamos e nos sacrificamos; aqueles móveis elegantes, o bom gosto que presidiu à sua disposição, o amor que claramente manifestam pela Associação os camaradas arsenalistas com quem ontem falamos, demonstram bem que aquilo é obra de todos, que naquela casa comum se sentem felizes e adquirem energias para continuar lutando pelo avigoramento do movimento operário.

Porque há a necessidade de as associações terem sedes confortáveis... Fomos recebidos com alegria e a simples enunciação do que ali nos levava, os camaradas fabricantes de armas que naquele momento se encontravam na sede, pressurosamente nos levaram a visitar todas as dependências do Sindicato, fazendo-nos fixar este e aquele pormenor interessante, entusiasmando-se com o espectáculo da sua obra e fazendo-nos vibrar com entusiasmo identico.

—Os camaradas tem a sua sede, na realidade, com um conforto invulgar e que raro é encontrar noutros sindicatos... —comentamos.

—O camarada compreende bem que há a necessidade de as associações terem sedes confortáveis—atallou o nosso camarada João Pedro dos Santos. E estreito e acanhado o critério de muitos sindicatos, que julgam atraíção a ortodoxia sindicalista-revolucionária desde que criem um ambiente agradável na sua sede, tornando-a agradável pelo bem-estar relativo que as suas instalações proporcionem. Representa isso um erro que geralmente tem consequências lamentáveis, porque o operário habituado à oficina imunda, à casa anti-higiênica e à sede sindical mobiliada miseravelmente e muitas vezes de condições higiénicas deficientes, em lugar de criar novos hábitos, mais consensuais com a missão regeneradora que se propõe desempenhar.

—Mas estamos absolutamente de acordo com esse modo de ver; achamos mesmo necessário que ele passe a ser o de todos os organismos e tanto assim que há algumas semanas que vimos agitando nas colunas da nossa *Batalha* o alvitre para a *Casa dos Trabalhadores* a que os operários arsenalistas não recusarão o seu concurso... —Certamente.

Uma Associação cujas origens tem mais dum século — As suas conquistas

—Falemos do vosso sindicato, da sua expansão, da sua força, das suas conquistas—dissemos para João Pedro dos Santos.

—O pessoal do Arsenal do Exército sempre possuiu espírito associativo. Basta dizer que em 1807, há 112 anos, fundou uma associação de socorros mútuos, das primeiras que se criaram em Portugal, o que para aqueles tempos representava muito. Durante muitos anos, limitou-se ao mutualismo. Depois, com o decorrer do tempo, os horizontes foram-se alargando, os trabalhadores rebelaram-se contra o regime servil a que estavam sujeitos e os operários arsenalistas começaram a compreender a necessidade de uma associação de resistência, de um organismo de combate, que pugnassem por novas regalias e mantivessem as já conquistadas. Assim, no ano de 1892 criamos a Associação de Classe; criamos, não é bem assim: legalizamos a sua existência, porque, de facto, já ela existia muito antes.

—E a Associação tem alcançado vitórias importantes? A situação económica da classe tem melhorado?

—Calcule o camarada que há aproximadamente 30 anos, o salário máximo de um granelista era de \$50, chegando a trabalhar, no verão, 14 horas; 15 anos depois, já o salário tinha su-

bido até ao máximo de \$100 e a jornada de trabalho era de 9 horas. Mas note que para um operário alcançar o máximo era preciso ter muitos anos de casa, pois os aumentos eram de 1 e 2 centavos em regra e quando alcançavam 5 centavos, poucos eram os beneficiados. Continuou a Associação pugnando pelos interesses da classe, conseguindo que, actualmente, o salário seja de \$80, com uma subvenção de \$40 e mais \$20 por cada período de cinco anos de casa. Além disso, vigora o dia normal de 8 horas, tendo as horas extraordinárias uma percentagem de 20 % sobre o jornal diário.

—Realmente, os camaradas obtiveram bastante... —Mas à custa de muito trabalho e muita dedicação. Porém, não ficam por aqui as conquistas da Associação. Há vinte e tal anos, os operários extra-ordinários não tinham direito aos aumentos de que o restante pessoal beneficiasse, estando ainda na contingência de ficarem sem trabalho dum momento para o outro. Devido aos esforços da Associação, no sentido de equiparar regalias, os operários extraordinários passaram a ter o direito de irem sendo aumentados até \$70. A Associação continuou a trabalhar e conseguiu para os operários extraordinários todas as regalias de que gozavam os efectivos. No início da guerra, devido ao extraordinário aumento de trabalho, foram admitidos muitos operários que o regulamento classificou de adventícios, a fim de se furtar a direcção das fábricas e do Arsenal à responsabilidade de garantir trabalho a esses homens. Terminada a guerra, a Associação esforçou-se porque esses homens não fossem postos à margem e conseguiram.

—E a vossa acção tem encontrado facilidades da parte dos dirigentes desses estabelecimentos do Estado?

—É de justiça reconhecer que, se a Associação tem tropeçado com dificuldades levantadas por várias entidades oficiais, também é certo que outras, de critério mais justo e levantado, nos tem coadjuvado na satisfação das nossas reivindicações.

Uma cooperativa fundada em moldes destinados a afastar o egoísmo

—E quanto à vossa Cooperativa? Que esclarecimentos nos podeis fornecer?

—Fundada a Associação, o pessoal não achou ainda completa a sua organização e pensou em fundar uma cooperativa, o que fez poucos anos depois. Porém, a nossa cooperativa não obedece ao capital individual, evitando assim o perigo do egoísmo. Uma criatura quando começa a amellar, seja dinheiro ou acções, cria um interesse individual sempre nocivo. Obedecendo a este critério, a nossa cooperativa não distribui dividendo, limitando-se a comprar e vender os diversos artigos pelos preços mais baratos, sendo os lucros que colhe divididos pelos fundos de educação e de solidariedade. Nas demais cooperativas, para um sócio ter crédito, é preciso que possua um certo número de acções, que são a garantia desse crédito. Aqui, pelo contrário, o sócio, que paga simplesmente uma cota de 1 centavo semanal, que nem para as despesas do expediente chega, ao fim de três meses goza de crédito, podendo comprar roupa, mobília, calçado, artigos de alimentação, tudo por preços sensivelmente mais baratos do que lá fora. Não ligamos importância às oscilações do mercado; vendemos segundo o preço porque compramos, ainda que os artigos que tivermos em armazém sofram uma sensível alta. Por exemplo: actualmente estamos vendendo o sabão, na sucursal da Cooperativa em Braço de Prata a \$52 o quilo e já comprámos nova remessa que, por ter saído mais cara, estamos vendendo aqui ao preço de \$60.

—E a Cooperativa, tem um raio de acção grande?

—Sim, camarada. Dela se utilizam mais de 1.600 famílias e abrange os seguintes estabelecimentos do Estado: Fábrica de Armas, Fábrica de Material de Guerra de Braço de Prata, Fábricas de Pólvora de Barcarena e Chelas, Depósito Territorial de Material de Guerra, Depósito Central de Fardamentos e Transportes Terrestres e Marítimos do Arsenal do Exército.

O amor dos arsenalistas à sua Associação assim como à organização operária

—E a classe tem um verdadeiro amor pelo seu sindicato de resistência, que tantos benefícios lhe tem acarretado?

—Demonstra esse amor o facto de, quando da concessão da primeira subvenção, o pessoal arsenalista contribuir com uma semana de subvenção para o sindicato, o que deu uma soma importante. Mais tarde renovou o seu gesto, mas, desta vez, contribuindo com uma quantia superior. Foi esse valiosíssimo auxílio da classe que nos facilitou a introdução deste melhoramento na sede.

—E a população sindical é importante?

—Quasi todo o pessoal civil dos esta-

MARCO POSTAL

Minha querida amiga:

Estou de aqui a ver o comico ar de espanto que tivais tomar ao leres conhecimento da descarada publicidade destas nossas cartas, até agora tão intimas! Estou a ver-te de sobreenho carregado e a ouvir-te monologar, diante da tua mesinha de trabalho, aquele habitual «é doído, este rapaz!» com que tu volta e meia me mimoseavas, nos bons tempos em que caturrávamos tardes inteiras sobre arte, politica internacional, filosofia, e, por vezes, até sobre modas! Mas desfranze lá a testa, minha querida, que não dizem bem essas fundas rugas sobre o teu rosto despreocupado e sadio de boa rapariga. Desfranze a testa e retira a expressão violenta com que me agrediste logo de entrada, porque ainda desta vez não tiveste razão.

E se não repara. E que mal faz que venham a público estas nossas cartas, onde se não diz mal da vida de ninguém em particular e onde, quando muito, aparece de tempos a tempos, sob o império duma rajada de pessimismo, uma ou outra frase maledicente sobre a vida dos homens em geral? Sem intimidades que seja preciso occultar aos olhos dos estranhos, versam quasi sempre as nossas cartas motivos simples e honestos que não escandalizarão, por certo, as habituais leitoras deste jornal. Penhorre a coleção das minhas cartas, com o anhelo de fazer às tuas, e convencer-te-lhe em poucos minutos que todas — ou literárias ou filosóficas, ou criticas ou meramente familiares e informativas — todas se podem publicar sem o mínimo receio de trazer a público retalhos de vida íntima que porventura conviesse occultar. E não estás convencida que a leitura destas cartas, tratando por vezes problemas sérios num estilo familiar e despretençoso, podia interessar outras raparigas que, como tu, se preocupam com os vários aspectos da questão social?

Estou pois perdoado, não é verdade? E agora, fica entendido que, d'ora diante, as minhas cartas te chegam às mãos por intermédio da nossa *Batalha* e que tu, ao lê-las, não mais fardes essa cara de mau tempo que ainda há bocado inauguraste. Está combinado?

Falei-te na minha última carta da socialização das mulheres na Rússia bolchevista — uma galga forjada nos centros informativos de Londres e Stockholm que a imprensa burguesa de todos os países tem feito correr mundo.

Eu não leio os jornais ali da terra, que me não sobre tempo para essas divérses espirituais. Mas estou convencido que também se fizeram eco da fantástica socialização, comentando-a em termos de fazer estremecer os nossos brios e honrados chefes de família pela sorte de suas donzelas. Tranquiliza tu os pacatos burgueses da nossa paróquia; garante-lhes, sob minha inteira responsabilidade, que o próximo advenço do socialismo não trará como consequência a violação de suas filhas; e às timoratas meninas ali da terra, que todas se assustaram com a negra previsão dum futuro de vexames e ultrajes, declara-lhes, muito categorica e peremptoriamente, que um dos objectivos da transformação social que se avizinha, é precisamente libertar a mulher, económica e moralmente, da situação subalterna, da verdadeira escravidão, em que a manteve durante mais de um século a civilização burguesa e capitalista.

Não lembrava ao diabo, esta da socialização das mulheres! Mas lembrou-nos diplomatas burgueses e os jornalistas a soldo da alta finança—esses que vendem a pena por um prato de

belecimentos dependentes do Arsenal do Exército está sindicado. A Cooperativa tem uma população associativa superior por dela fazerem parte operários doutros estabelecimentos que tem os respectivos sindicatos.

—E a associação de socorros mútuos perguntámos a João Pedro dos Santos — ainda existe?

—Ainda. O sócio paga uma cota variável, que não excede \$12, tendo direito a médicos e medicamentos e gozando da liberdade de adoptar qualquer sistema de cura. A cota sindical é de \$10 semanais e a da cooperativa, como já disse, de 1 centavo. Destas pequenas quantias, veja o camarada o que já resultou!

A conversa depois generalizou-se. Camaradas que nos tinham acompanhado na visita a todas as dependências do edificio, queriam, unanimemente, dar-nos esclarecimentos. Falavam-nos do amor da sua classe pela organização operária, pela *Batalha* e a deusa que dos interesses operários em geral tem feito o órgão da Associação, o *O Arsenalista*, modesto mensário ponderadamente dirigido. Citavam-nos o facto, demonstrativo da absoluta identificação da classe com o movimento sindicalista,

dos arsenalistas terem criado uma escola de militantes operários, que funcionou durante algum tempo, frequentada pela mocidade da Fábrica de Armas e mantida com uma cotisação voluntária.

Nunca qualquer organismo operário fez um justo apelo ao camaradas da Fábrica de Armas a que estes não respondessem com gathardia, como vem de suceder com a Associação dos Compositores Tipográficos, a qual aqueles camaradas, num gesto expontâneo, emprestaram, nas melhores condições, três contos de reis para comprar duma máquina de impressão.

A Associação dos Operários das Fábricas de Armas tem-se feito representar em todos os congressos e é aderente à U. O. N. e à U. S. O. Boa impressão, foi, pois, a que colhemos da visita à sede daquele sindicato, que bem revela o amor e o carinho de que essa classe se tem rodeado, tornando-o confortável e criando, assim, uma casa onde todos os seus componentes, após muitas horas de fatigante labor, um pouco possam repousar, um pouco possam dissipar o espirito torturado por uma fatia continua e exgotante.

SOUVARINE.

lenticas, com a mesma desenvoltura com que raparigas de vida difícil atribulada existência mercadejam suas caricias por essas ruas.

A socialização das mulheres! Andam por esse mundo fora, há anos sem conto, socialistas de todas as nuances e de todos os países, na santa cruzada do evangelho da ideia nova, pregando aos quatro cantos da terra a emancipação integral da mulher, a sua libertação da iníqua e humilhante tutela do macho.

A todos explicam o seu credo — aos que os aplaudem e aos indiferentes que lhes voltam as costas; aos que os apupam como aos que os perseguem e enclausuram nas Penitenciárias que por esse mundo existem. E a todos dizem: «A mulher é um ser que tem tanto direito, como o homem, a dispor livremente do seu corpo e da sua existência. A prostituição — quer seja a venda em público dessas desgraçadas que desceram até ao fim a última escada da degradação, quer seja a venda em particular da mulher que se entrega no leito conjugal a um homem que despressa ou que detesta, com o objectivo único de garantir o pão do futuro — a prostituição é sempre, e antes de mais nada, uma consequência da actual organização económica da sociedade, que não garante a ninguém, e muito menos à mulher, o direito de viver, em troca dum trabalho prestado à colectividade e, proporcional às forças de cada um. Dê-se, pois, à mulher, a possibilidade de usar do direito que ela tem de dispor de si mesma. Enquanto ela se não libertar economicamente, não acabará a prostituição sob os seus variados aspectos, e a mulher continuará sendo, como até agora, um objecto de posse, um artigo de compra e venda, por mais que a disfarce com a instituição do casamento».

Isto vem dizendo os socialistas quando, depois que o mundo é mundo. E todavia, agora, que lá para o Oriente se começam corporizando as nossas doutrinas sob uma fórmula prática de vida em sociedade, ainda que por uma forma titubeante e as apalpadelas sobre as possibilidades de momento, eis que aparecem jornalistas burgueses a acusar os socialistas russos de terem decretado a socialização das mulheres! E são estes mentecaptos, videlinhos e amorais, que pactuam com a prostituição e defendem a posse da mulher como condição indispensável à estabilidade da família (!), que aparecem a protestar contra uma imaginária medida de socialização que, a dar-se, estaria intimamente de acordo com os princípios burgueses. São possível socializar aquilo que pode ser objecto de posse, privada ou colectiva. Ora os socialistas, como já te disse, nunca admitiram esse critério eminentemente burguês. A socialização das mulheres não podia, pois, deixar de ser uma miserável fantasia, lançada com o intuito de denegrir os princípios socialistas. De resto, ela traz a marca da casta; feita por burgueses, reflete bem o conceito burguês sobre a mulher...

Escusado será dizer-te que os desmentidos categoricos do governo dos Soviéticos e de testemunhas presenciais, absolutamente insuspeitas de bolchevismo, não tem impedido que a grande imprensa continue cumprindo a tarefa que lhe pagaram. Faltamente, os cães ladram à lua... a caravana passa.

Não tenho mais tempo; chamam-me os meus afazeres. Mas vamos lá que desta vez não podes acusar-me de lacónico...

Adens, minha querida. Recomenda-me com todos os de casa e recebe um abraço muito amigo do teu

FABRÍCIO

FABRÍCIO

FABRÍCIO

FABRÍCIO

FABRÍCIO

FABRÍCIO

FABRÍCIO

FABRÍCIO

FABRÍCIO

FABRÍCIO

FABRÍCIO

FABRÍCIO

FABRÍCIO

FABRÍCIO

FABRÍCIO

Ainda a greve ferroviária

Nota oficial do Comité Central

Continua a exercer-se pressão sobre a frequência como de antes do movimento grevista. É muito certo que o espírito do pessoal não está saciado, nem mesmo o daqueles que traíram o movimento, pois eles serão os melhores cooperadores na nossa reabilitação.

A palavra dada pelo Conselho de Administração ao sr. Machado de Santos, de que os demitidos não iriam além dum mês pouco mais ou menos, foi retirada, escandalosamente.

Não foi readmitida a Comissão de Melhoramentos, quando esta estava ao abrigo do n.º 10 da Ordem n.º 123 e distribuída a linha.

Não tem a comissão de Melhoramentos a sua demissão, a não ser a de defender os interesses da classe.

Este Comité está actualmente todo ao serviço, mas muito gostaria que os seus camaradas da Comissão de Melhoramentos o retomassem igualmente, pois nada fizeram para que fossem postos à margem após muitos anos de serviço.

Com a serenidade precisa sabermos continuar na luta pelas nossas reivindicações e mal irá tudo isto desde que não se comprelenda que do nosso lado está a razão. Serviremos a C. P. com o maior esforço, com o mais firme trabalho, mas perante um tal estado de coisas, só nos reduziremos ao silêncio quando vimos que as nossas miséreas reclamações foram atendidas.

Ficou o Sindicato abalado na sua situação financeira, mas com o auxílio que os ferroviários lhe vão prestar, de certo ele não conhecerá a quebra de força que a seguir a um movimento tão nobre deve ter sentido.

Atentos, no nosso pósto, só deixaremos a luta quando tenhamos cumprido o nosso mandato.

Com justiça e generosidade tudo se levará a bom termo para que não sejam infrutíferos os trabalhos de ambas as partes.

O chefe de Brigada João Ferreira Corio, aprovou durante o período de greve, o trabalho dos novos empregados com diferença de medidas, de forma que estão inutilizados e alguns custam mais de 3000.

Inutilizou também uma pilha de madeira já cortada pelos profissionais, assim como em 1914 que se em Lisboa R. e foi engastado sendo carpinteiro. Que belo interesse dá a C. P.

Contam-nos coisas de arrepiar os cabelos com referência aos «vermuns» isto é, aos novos empregados, pois continham a querer por todas as formas o que não lhes pertence.

Firmes e corajosos se pede a todos assim como a máxima serenidade evitando desordens ou agressões. O tempo tudo cura.

O Comité Central.

Os grevistas recusam-se a trabalhar com os «amarelos»

Na gare do Rossio encontram-se os «amarelos» do depósito de Campolide, e que os grevistas, ao retomarem o trabalho, não deixaram que ali fizessem serviço. Durante a tarde de ontem, o engenheiro Atouguia ouviu-os e depois colocou-os em diferentes serviços da Companhia e aqueles que não quiseram continuar ao serviço receberam os seus vencimentos.

Para manter a ordem nas oficinas apresentaram-se ontem em Campolide, pelas 9 horas, uma força de 20 praças da guarda republicana, sob o comando de um sargento. Ao tomarem o trabalho os operários protestaram por aínda ali se encontrarem trabalhando alguns dos «amarelos» admitidos durante a greve. A força de engenharia conservava-se aínda ali prestando serviço.

Na estação de Santa Apolónia, onde compareceu uma força de engenharia e outra da guarda republicana, para assegurar a ordem entre o pessoal, apenas oito dos «amarelos» se apresentaram, declarando os restantes que o não fariam por lhe impedirem os operários. Estes entraram todos para o trabalho à hora habitual.

As promessas governamentais

Uma comissão de ferroviários voltou ontem a procurar o presidente do ministério para tratar do caso dos seus camaradas que se encontram suspensos. Foi recebida pelo secretário, sr. Alberto Meireles, que asseverou aos comissionados que o sr. Sá Cardoso está animado do desejo de que a Companhia dos Caminhos de Ferro use da maior benevolência para com o pessoal que se encontra naquelas condições. Nesse sentido, foi ontem mesmo avisar-se com os directores da companhia o sr. Alberto Meireles, que tratou do assunto em nome do chefe do governo.

Os ferroviários perseguidos

Uma comissão de ferroviários suspensos e não admitidos esteve ontem conferenciando com o sr. Machado Santos, dirigindo-se em seguida para o ministério do interior.

Cozinha Comunista

A's classes operárias

Os potentados julgavam esmagar o movimento dos ferroviários da C. P., fazendo ressurgir, para esse fim, os processos da Companhia de Inácio Loloia, mas como diz o ditado «a vingança é o prazer dos deuses», e os grevistas conscientes e dignos retomaram o trabalho, para corresponderem a essas degradantes infâmias, as quais até deram lugar à morte de dois camaradas.

Mas, eles, podiam fazer tudo, o que entendessem, para vencer aqueles que lutavam por mais um pouco de pão, porque nunca os venceram enquanto existisse a Cozinha Comunista.

Devido ao vosso valioso esforço, que se manteve regularmente o funcionamento da Cozinha; contudo, devido à recusa não equilibrar a despesa, em virtude do elevado número de camaradas necessitados que se serviam dela, resultou um «deficit» de algumas centenas de escudos.

Por isso novamente apela a Comissão da Cozinha Comunista, para a grande solidariedade da família operária, a fim de continuarem contribuindo, com quaisquer donativos, no sentido de liquidar o seu débito.

A Comissão agradece muito reconhecida, a todas as colectividades e classes operárias, esse precioso concurso, o único que a burguesia não pôde evitar.

— Comissão da Cozinha Comunista.

— Pede-se a todos os camaradas que tiverem listas em seu poder, que se entreguem o mais rapidamente possível.

TEATRO SÃO LUIZ

A grande e engrandecida revista O PÉ DE MEIA

De graça e talento, a peça sempre no PÉ DE MEIA Maria Pinto um vislho! Sua fênix não adormece Na Parada, na Godadora... E até na Mãe Criada!

de continuarem contribuindo, com quaisquer donativos, no sentido de liquidar o seu débito.

A Comissão agradece muito reconhecida, a todas as colectividades e classes operárias, esse precioso concurso, o único que a burguesia não pôde evitar.

— Comissão da Cozinha Comunista.

— Pede-se a todos os camaradas que tiverem listas em seu poder, que se entreguem o mais rapidamente possível.

Importâncias entradas em 1 do corrente:

Quebra aberta pela Associação de Operários de Oeiras, na sessão de Pórtio Salvo, 4337; listas 369 e 370, quebra aberta entre o pessoal operário do cemitério dos Prazeres, 16550; lista 391 idem, pelo pessoal da fábrica Ramiro Leão, 2863; lista 392, idem, idem, da lavanderia, 2827; lista 378, Vitorino José dos Santos, 860; pessoal operário da Avenida Almirante Reis, 2815; do Arsenal de Marinha, lista 87, pessoal das construções navais, 5365; lista 360, pessoal das instalações eléctricas, 4555; lista 362, caldeiros de cobre, 1500; pessoal de máquinas, 6827; carpinteiros de branco, 6885. Pessoal tanoeiro de Braco de Prata, 6800; pessoal da litografia Mata, 2815; indem do quadro tipográfico do jornal «A Manhã», 2825; quebra aberta pela U. S. O., 113867. Soma 178891.

Importâncias entradas no dia 2:

Pessoal extraordinário da Fábrica Braco de Prata, 2813; quebra aberta entre o pessoal da carpintaria Gamaezin do Vicente Peres, 7800; resto da quebra aberta pela U. S. O., 22860; quebra do pessoal soldador da fábrica Laudaret, 1570. Soma, 33343.

Importâncias recebidas em 3:

Produto da quebra aberta pela Associação dos Tabacos da Regie, 40500; ex-camarada Assunção, 5800; lista 375, quebra aberta entre os operários da casa do Refúgio de Trabalho em Belém, 4055; idem pelo pessoal da chapelaria «A Social» e diversos, 7800. Soma, 56355. Total geral, 268889.

Perseguições governamentais

Comissão pró-pressos por questões sociais

Reuniram ontem esta comissão, que registou com satisfação a absolvição dos camaradas ferroviários, Horácio Guis, António Querrelro e Manuel Rosa, presos em resultado do movimento grevista. Defendeu os seus o advogado do Conselho Jurídico da U. O. N., dr. Sororal de Campos, que presenciou das testemunhas de defesa, por desnecessárias, porquanto essa função foi desempenhada pelos próprios queixosos.

Achando-se na sala grande número de ferroviários felicitaram estes com satisfação os seus camaradas por terem sido libertados.

Esta comissão, tendo conhecimento de que estes camaradas, durante a sua prisão, estiveram encarcerados em calabouços imundos, chegando até a desapaecerem objectos que traziam consigo, protesta contra tal facto.

Pelas 23 horas, dirigiu-se novamente uma sub-comissão a avisar-se com o director da Polícia de Segurança do Estado, para tratar ainda da liberdade dos três camaradas solidários de Almada e dos Caminhos de Vale de S. Tiago e outros camaradas ainda presos.

Tomou conhecimento de que foram presos em Almada as camaradas Deolinda Monteiro e Cizalina Ferreira, pelo facto de serem grevistas das Fábricas de Conservas, sendo remetidas para o governo civil, resolvendo tratar hoje do caso junto do director da Polícia de Segurança do Estado.

Hoje reúne pelas 21 horas na sede da U. O. N. esta comissão para prosseguir nos seus trabalhos, pedindo a comparencia de todos os delegados.

A questão do Rossio

O fim da tragédia...

Pela tarde, uma notícia sensacional galgoa veloz toda a cidade, espalhando a alegria nos rostos dos defensores da integridade do Rossio. A comissão executiva da Câmara Municipal tinha pedido a demissão. A princípio, houve alguma dúvida da veracidade do informe, mas os jornais da noite trouxeram a confirmação na seguinte notícia, de origem evidentemente oficial:

«A comissão executiva da Câmara Municipal de Lisboa, reunida esta tarde em conferência, para apreciar a atitude das juntas de freguesia perante as obras do Rossio, resolveu pedir a demissão ao presidente da Câmara em exercício.»

No entanto as obras da transformação da placa central do Rossio ainda ontem prosseguiram, tendo os operários trabalhado sem estarem guardados por cavalaria da guarda republicana. Alguns agentes da polícia bastaram para afastar os curiosos, estando em via de conclusão a obra em cantaria de um dos passeios laterais da nova rua.

Sindicato Unico Metalurgico

Em face das perseguições das autoridades, que chegaram ao ponto de encarcerarem tres homens e duas mulheres com o único fim de espalhar o terror entre os grevistas das Fábricas de Conservas de Almada, levando-os a capitular como é do desejo dos industriais exploradores, tendo a faente os proprietários da Fábrica «A Invenível», os ex-militantes da classe dos Soldadores de Setúbal, o Sindicato apela para a consciência e solidariedade de todos os metalúrgicos, incluindo toda a classe dos Soldadores do País, a fim de que os camaradas em greve saiam vitoriosos da luta que encetaram contra os seus exploradores, enviando para a sede, rua da Esperança, 204, 2.º, quaisquer donativos e bem assim quaisquer do-se das competentes listas de quotas que todos os dias, das 21 às 23 horas, uma comissão especial distribue aos camaradas que se registarem.

Acitam-se donativos de qualquer classe estranha à metalurgia.

ALMADA

A greve das fabricas de conservas — Prisão de vários camaradas — A atitude dos industriais

Há já cinco semanas que se encontra em greve o pessoal das fabricas de conservas de Almada — devido às reclamações do pessoal feminino.

Tem-se esse pessoal conservado numa atitude digna de registo, não querendo voltar ao trabalho enquanto os industriais não atenderem as suas reclamações, tendo esse pessoal a ajuda-lo todos os soldados que nessas fabricas trabalhavam e bem assim o auxílio moral e material do Sindicato Unico das Classes Metalúrgicas, a que pertencem. Como se tivesse esboçado alguns conflitos sem importância, entre grevistas, patrões e algumas amarelas, do que resultou a prisão de quatro mulheres, logo postas em liberdade por intervenção do Secretário Geral do Sindicato, e como os grevistas continuassem na mesma atitude firme e enérgica enquanto os industriais não satisfizessem a sua tam diminuta pretensão, tanto assim que algumas fabricas se conservam encerradas por falta de pessoal; mantendo apenas a Invenível fraca laboração com um pequeno número de amarelas; de liberaram os industriais formar o plano, por instigação dum tal sr. Bernardo Veneno, de apontarem ao director da Polícia de Segurança do Estado um determinado número de grevistas, homens e mulheres, como sendo os principais instigadores da greve e criaturas perigosas dentro do conselho d'Almada.

O fim desses indivíduos era desmoralizar os grevistas, fazendo parecer as camaradas que mais se tem interesse pelas reclamações das mulheres, para que estão desorientadas, entre as fabricas de cabeça baixa, oferecendo os seus pescocinhos ao cutelo explorador dos seus verdugos.

Vendo que o seu tenebroso plano era bem acolhido, eis que os industriais batem palmas de contentes ao verem que o director da Polícia de Segurança do Estado, mandou prender os camaradas David Augusto Correia, António José Ignácio dos Santos e Manuel dos Santos Godinho, criaturas estas que lhes julgavam o único obstáculo que se antepunha à sua victoria sobre os grevistas.

O mais repugnante de tudo isto é o procedimento das autoridades mandando prender camaradas cujo único crime é terem sido solidários com os pobres explorados; e ainda a forma arbitrária como foram feitas essas prisões, que se mantem devido à ineficiência dos altos que na sua fúria de prender não deixaram escapar duas pobres mulheres, que são as camaradas Deolinda Monteiro e Cizalina Ferreira, que hontem foram remetidas pelo administrador para o Governo Civil.

Competindo ao Sindicato Metalúrgico intervir no assunto, fe-lo de forma que a prisão desses camaradas não se fizesse sentir entre os grevistas, se não como forma de protesto, enviando o seu secretário geral a Almada a entrevistar os industriais da Invenível, mais remittentes em conceder o irrisório aumento de salário às mulheres; deles apenas conseguiram a promessa de dar um aumento proporcional de um e talvez dois centavos aquelas que lhes satisfizessem as suas ambições de socialistas nesta sociedade onde tudo ainda é o que não devia ser, como disse um desses industriais.

Por mais que o secretário geral do Sindicato se esforçasse por demonstrar o quanto esses indivíduos comprometiam os princípios que diziam professar e ainda a necessidade de terminar um conflito que não tem razão de existir senão pela sua intransigência, estando já uma fábrica pagando o aumento reclamado, inda outras reabrir, acatando as reclamações dos grevistas, nada mais se conseguiu e assim terminou essa entrevista na qual o secretário geral do Sindicato Unico Metalúrgico colheu a impressão de que os indivíduos com quem esteve tratando, já não eram os antigos militantes da organização dos soldadores de Setúbal. São patrões e é quanto basta.

Os empregados do comércio e as U. O. N.

Para se desmentir a afirmação feita pela classe patronal de que os empregados do comércio não querem as U. O. N. e que a sua única razão de existirem é a de serem as associações as desejam, convidam-se os empregados no comércio, sem distinção à reunião magna que se realiza amanhã, pelas 14 horas, na sede da Associação de Classe dos Caixeiros de Lisboa, rua António Maria Cardoso, 20.

Para que de vós se certifique que é a classe inteira que deseja as U. O. N. foram convidados a assistir a esta reunião os representantes das associações patronais e o presidente da comissão oficial regulamentadora do decreto.

Segurança do Estado...

Uma busca em casa de uma bruxa

A polícia de segurança do Estado passou uma busca em casa de Augusto da Conceição Santos, na rua do Arco do Marquês do Alentejo, onde foram apreendidos vários objectos, entre os quais, uns usados para bruxaria e um revolver.

É tal o receio que o sr. Sá Cardoso tem de um movimento revolucionário que o arranque das delícias de agosto do poder, a fim de evitar a segurança do Estado que passe buscas em casas das bruxas, como que receando que a próxima revolução se desprenda das páginas do almanaque de S. Cipriano.

Querem-nos melhor?

Academias, Universidades e Escolas

Universidade de Lisboa.—No gabinete de física da Faculdade de Ciências, reduziu-se, pelas 15 horas, a assembleia geral da Universidade, para tratar da solução do conflito universitário.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Caixa Auxiliadora dos Empregados da «Voz do Operário».—Reúne a assembleia hoje, pelas 15 horas, a assembleia geral do centro NE e NW. Cui limpo ou de alguns meus.

O TEMPO

Temperatura do ar em 4.—Lisboa, 21,3; Porto, 20,2; Coimbra, 18,3; Madrid, 16,0.

Vento.—Lisboa, SSW; Porto, ENE; Coimbra, NW; Madrid, C.

Tempo.—provação local.—Vento fraco ou de N. Cui limpo ou de alguns meus.

A BATALHA

em TOMAR vende-se na oficina de alfaiate e seridior de Raimundo Ribeiro, rua Látia, onde recebe anúncios e correspondências.

CELEBRIDADES ARTÍSTICAS

Cipri Martin

criadora de «A Hierro Muere» no Salão Foz

Um empresário inteligente e arrojado, o sr. Artur Emaez, convenceu o lindo Salão Foz para apresentar a mais deliciosa tomo de Arte. Por ali vão passando, constantemente, as maiores celebridades artísticas, que hoje se fazem pagar a peso de ouro, e que um empresário não hesita em contratar, na ándia justificada de proporcionar ao nosso público os mais interessantes e agradáveis espectáculos de Lisboa.

Por ali tem passado La Padova, Conchita Ulla, Adria Rodi, Lola Montes, Mary Poelca e tantas outras de méritos consagrados. Cidia agora a vez de trazer a Lisboa essa glória do teatro espanhol, que se chama Cipri Martin.

Criadora insignie de «A Hierro Muere» que tem interessadamente valido a alma impressionável do nosso povo, a eminente

artista tornar-se há conhecida por o seu busto gentil ilustrar as capas dessa inspirada composição musical.

A sua estreia no Salão Foz despertou, como era de prever, um natural interesse. Há duas noites que Cipri Martin trabalha na popular casa de espectáculos e os aplausos vibrantes que tem coroado as suas extraordinárias criações, não a mais consagração para os seus méritos de artista de génio.

No «Hierro Muere» é verdadeiramente colossai, dando um toque real a essa figura delicada de sentimento e tragédia. Na «Nerviosa», outra deliciosa criação sua, para não enumerar tantas outras, é simplesmente o estrairam com grande sucesso de uma grande porção de peças de bronzes pertencente à Imprensa Nacional, um empregado dali, que há havia jurado.

Também foi preso em flagrante um indivíduo quando pretendia vender a um ferreiro uma porção de prego, que tinha furado numa obra onde trabalhava. Nas outras confessaram os crimes.

Uma busca aos ferro-velhos

Apreensão de vários furtos.—Prisão de dois indivíduos apanhados em flagrante delito

Os agentes Custódio das Dóres e Xavier da 4.ª secção, passaram ontem uma busca aos ferro-velhos na sua área, Alchitara e Belém, a fim de apreender vários artigos que tem sido furtados ao Estado, apreendendo numa casa na rua dos Mafros, 77, quilos de prego, arame de vários tamanhos, 10 quilos de fio para linhas telegráficas e telefónicas e óleo de linhaga.

Noutras casas os referidos agentes apreenderam uma grande porção de metal amarelo, tipo de jornais e arame de cobre.

Na rua de S. Bento foi preso quando procedia à venda numa casa de ferro-velho de uma grande porção de peças de bronzes pertencente à Imprensa Nacional, um empregado dali, que há havia jurado.

Também foi preso em flagrante um indivíduo quando pretendia vender a um ferreiro uma porção de prego, que tinha furado numa obra onde trabalhava. Nas outras confessaram os crimes.

Uma acusação grave

Três indivíduos presos sob a acusação de assassinos

Encontraram-se detidos nos calabouços do governo civil, António Pereira Roças, de Resende, largo do Olival, 15, e Manuel de Souza e Silva, de Sinfães, calçada do Duque de Loures, 615, acusados por Manuel dos Santos, rua da Bela Vista, a filha do Grilo, de estarem implicados num crime de assassinio na feira de S. Vicente Sordadas, em 15 de Agosto último, no lugar da Grahalheira, conselho de Sinfães.

Como autor principal do crime já se enquadra no caso a prisão de um taberneiro Martinho Carrico, do mesmo lugar, que há tempo tentou sublevar a povoação e matar o chefe Sequerra, no tempo agente da polícia e que ali fora tratado de um caso de notas falsas.

NO PALCO PARLAMENTAR

Legislando para os outros

DISCURSOS, LARACHAS & VOTAÇÕES

MENÚ: — As subsistências não merecem as preocupações do país da pátria, mas já o mesmo não sucede com o ministério das ditas, : que uns defendem e outros atacam :

DEPUTADOS

Reaberta a sessão às 15,20 com 34 deputados presentes.

O sr. Domingos Pereira dá a palavra ao sr. Jorge Nunes para continuar o seu discurso, interrompido na sessão noturna de ontem.

O sr. Jorge Nunes diz que ninguém apresentou como razão para a extinção do ministério dos abastecimentos a sua inutilidade.

A razão que se alega para a extinção desse ministério são as irregularidades praticadas, afirmadas apenas, porém não demonstradas. Essa razão não persiste desde que se proceda a um inquérito e ao afastamento do pessoal inculcado.

O orador continua as suas com ideracão, defendendo a necessidade da existência do ministério, após a selecção conveniente do pessoal.

O sr. Sousa Varela pediu, em negócio urgente, para tratar da questão da ordem pública, alterada em Evora; igual pedido fez o sr. Plínio da Silva, acerca dos acontecimentos de Elvas. A câmara rejeitou tais pedidos. Os deputados por Evora e Elvas protestaram, com veemência.

— Isto é extraordinário! Vota-se aqui a urgência para tudo e rejeita-se para uma questão de ordem pública. Protesto!

A câmara agita-se. Ouve-se dizer: — A câmara não tem nada com isso. O sr. Sousa Varela: — Como não tem?... Então o mal estar dos povos não interessa o parlamento?

O sr. Velhinho Correia: — A câmara precisa trabalhar. O sr. Sousa Varela: — E que peço eu senão que trabalhe? Repito: protesto enérgicamente, em nome do povo que me elegem.

O sr. Domingos Fraz propõe que a comissão do regimento, durante o interregno parlamentar, proceda à sua revisão, falando sobre a proposta do sr. Brilo Cabral e o ministro da agricultura, que diz não condenar o pessoal do ministério dos abastecimentos sem ter indicação exacta das irregularidades que lhe são atribuídas.

Um caçador de... bolxevistas

A cerca do suéto que ontem publicamos sob esta epigrafe, recebemos uma nota do nosso informador no governo civil, na qual nos diz que o sr. Custódio das Dóres, ao pé do qual a fama do mais perspicaz Sherlock-Holmes sensivelmente empalidece, nunca foi agente da preventiva, mas sim da investigação. Possível é que assim seja mas ser da preventiva ou da investigação é ser do mesmo modo polícia, e que ser dum ou outra é indiferente para o caso, prova-o o facto do referido agente ter usado, na sua recente viagem ao Norte, de processos tam ignóbeis para com vários elementos operários como os que usariam os da preventiva. De resto, ainda não esqueceu que o polícia Custódio, que já no tempo do sidonismo revelou a sua excepcionais qualidades... de detetive, tendo sido um dos guarda-costas de Sidónio Pais, tem grande inventiva, como o provou quando da greve da construção civil, em 1917, em que ele fez publicar no jornal República, a informação de que a força militar tinha então assassinado duzentas e tantas pessoas, o que lhe valeu, ao que parece, ser intimado a provar tal asserção, não sabendo nós o que foi feito do respectivo processo. Reconhecendo talvez que não tinha vocação para o jornalismo, fez-se então polícia, e não há dúvida que, como se tem visto, tem tido dadas boas provas...

Diz-nos ainda o nosso solícito informador que o detetive não recebeu quaisquer ordens para seguir para o Algarve e Alentejo, estando presente ao serviço da 4.ª secção da polícia de investigação a que pertence.

Afigura-se-nos, pois, que as entidades respectivas, perante o nosso suéto, emendaram a mão. Bem fariam os sindicatos da provincia, no entanto, em se acatarem contra qualquer digressão do célebre agente, que por agora parece entretido nas scherlock-holmesas funções de fazer buscas nas lojas dos ferro-velhos...

Uma busca aos ferro-velhos

Apreensão de vários furtos.—Prisão de dois indivíduos apanhados em flagrante delito

Os agentes Custódio das Dóres e Xavier da 4.ª secção, passaram ontem uma busca aos ferro-velhos na sua área, Alchitara e Belém, a fim de apreender vários artigos que tem sido furtados ao Estado, apreendendo numa casa na rua dos Mafros, 77, quilos de prego, arame de vários tamanhos, 10 quilos de fio para linhas telegráficas e telefónicas e óleo de linhaga.

Noutras casas os referidos agentes apreenderam uma grande porção de metal amarelo, tipo de jornais e arame de cobre.

Na rua de S. Bento foi preso quando procedia à venda numa casa de ferro-velho de uma grande porção de peças de bronzes pertencente à Imprensa Nacional, um empregado dali, que há havia jurado.

Também foi preso em flagrante um indivíduo quando pretendia vender a um ferreiro uma porção de prego, que tinha furado numa obra onde trabalhava. Nas outras confessaram os crimes.

Uma acusação grave

Três indivíduos presos sob a acusação de assassinos

Encontraram-se detidos nos calabouços do governo civil, António Pereira Roças, de Resende, largo do Olival, 15, e Manuel de Souza e Silva, de Sinfães, calçada do Duque de Loures, 615, acusados por Manuel dos Santos, rua da Bela Vista, a filha do Grilo, de estarem implicados num crime de assassinio na feira de S. Vicente Sordadas, em 15 de Agosto último, no lugar da Grahalheira, conselho de Sinfães.

Como autor principal do crime já se enquadra no caso a prisão de um taberneiro Martinho Carrico, do mesmo lugar, que há tempo tentou sublevar a povoação e matar o chefe Sequerra, no tempo agente da polícia e que ali fora tratado de um caso de notas falsas.

NO PALCO PARLAMENTAR

Legislando para os outros

DISCURSOS, LARACHAS & VOTAÇÕES

MENÚ: — As subsistências não merecem as preocupações do país da pátria, mas já o mesmo não sucede com o ministério das ditas, : que uns defendem e outros atacam :

DEPUTADOS

Reaberta a sessão às 15,20 com 34 deputados presentes.

O sr. Domingos Pereira dá a palavra ao sr. Jorge Nunes para continuar o seu discurso, interrompido na sessão noturna de ontem.

O sr. Jorge Nunes diz que ninguém apresentou como razão para a extinção do ministério dos abastecimentos a sua inutilidade.

A razão que se alega para a extinção desse ministério são as irregularidades praticadas, afirmadas apenas, porém não demonstradas. Essa razão não persiste desde que se proceda a um inquérito e ao afastamento do pessoal inculcado.

O orador continua as suas com ideracão, defendendo a necessidade da existência do ministério, após a selecção conveniente do pessoal.

O sr. Sousa Varela pediu, em negócio urgente, para tratar da questão da ordem pública, alterada em Evora; igual pedido fez o sr. Plínio da Silva, acerca dos acontecimentos de Elvas. A câmara rejeitou tais pedidos. Os deputados por Evora e Elvas protestaram, com veemência.

— Isto é extraordinário! Vota-se aqui a urgência para tudo e rejeita-se para uma questão de ordem pública. Protesto!

A câmara agita-se. Ouve-se dizer: — A câmara não tem nada com isso. O sr. Sousa Varela: — Como não tem?... Então o mal estar dos povos não interessa o parlamento?

O sr. Velhinho Correia: — A câmara precisa trabalhar. O sr. Sousa Varela: — E que peço eu senão que trabalhe? Repito: protesto enérgicamente, em nome do povo que me elegem.

O sr. Domingos Fraz propõe que a comissão do regimento, durante o interregno parlamentar, proceda à sua revisão, falando sobre a proposta do sr. Brilo Cabral e o ministro da agricultura, que diz não condenar o pessoal do ministério dos abastecimentos sem ter indicação exacta das irregularidades que lhe são atribuídas.

Teatro da Trindade

PAZ ARMADA

Récita dos autores ANTONIO TORRES e FERNANDO FERREIRA

Surpresas e atractivos. — Copias novas

Vida Sindical

U. O. N.

Reúne hoje, às 21 horas, a Comissão Administrativa da União Operária Nacional para se ocupar de assuntos que se prendem com o próximo Congresso.

Novamente recomenda a U. O. N. aos sindicatos que não nomeiem delegados às Bolsas e ao Instituto Superior de Trabalho, sem que o Congresso se pronuncie sobre o assunto.

COMUNICAÇÕES

Federação da Construção Civil.

Reúne a comissão administrativa, lendo vários expedientes, a que deu despacho, baixando algum à reunião do Conselho Federal, que é convocado a reunir hoje, pelas 21 horas, para tratar de assunto de urgência.

Tendo sido recebido um ofício da Secção de Palma, comunicando que nas obras do novo aqueduto da guarda republicana, na Avenida Defensores de Chaves, se estão pagando os operários salários ínfimos, esta Federação aconselha esses camaradas a vir à sua sede inscrever-se, para se lhes arranjar a colocação, pois que existem pedidos de profissionais, pagando salários mais elevados.

Igualmente são convidados todos os profissionais despedidos das obras do Estado a inscrever-se para o mesmo fim, não tendo direito a qualquer reclamação sobre a sua